

# A HISTÓRIA DESCONHECIDA DE SINBÁD, O MARUJO

AUTOR: ALFRED FARAJ

TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO DE

SAFA ALFERD ABOU CHAHLA JUBRAN E

MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE\*

Alfred Faraj, nascido em 1929, é considerado, junto com Táha Hussayn, Najíb Maḥfúz e Tawfíq al-Ḥakím, um dos melhores escritores egípcios deste século. Colabora regularmente em *al-Ahrám* [*As Pirâmides*], o mais importante jornal do Egito. É autor, entre outros trabalhos, de *Recordações do Tempo Perdido numa Aldeia Egípcia*. Entre suas peças teatrais, com assumida influência de Tawfíq al-Ḥakím e Bertold Brecht, estão *O Barbeiro de Bagdá*, *O Fogo e as Azeitonas*, *Policiais e Ladrões* e *‘Ali Janáḥ at-Tabrízi e Seu Escudeiro Qúffah*, uma apropriação de *Dom Quixote*. Em suas obras, Faraj também se utiliza de elementos extraídos da tradição narrativa árabe, notadamente *O Livro das Mil e uma Noites*. O presente conto (em árabe, “As-síratu al-majhúlatu lis-Sindabáda al-baḥrī”), uma reelaboração feita a partir dos originais da conhecida história das *Viagens do Marinheiro Sinbád*, foi escrito em 1984 sob encomenda de *Fikr wa Fann* [*Pensamento e Arte*], revista em língua árabe editada na Alemanha. Observe-se que, embora seja presumivelmente antiga, a narrativa de Sinbád não faz parte do núcleo original das histórias das Mil e uma Noites, às quais só foi incorporada tardiamente.

\* Professores de Língua e Literatura Árabe da USP.

Sou o navegador errante Abdalá ben Uthmán, conhecido como Sinbád, o Marujo. Já vos contei as peripécias de minha vida e de meu errar, tanto pelos sete mares deste mundo quanto por meu próprio país e dentro de minha casa. Em meu tempo, topei com o estranho e o maravilhoso, e naveguei por mares desconhecidos; contudo, era de mim mesmo e das outras pessoas que eu mais me espantava: almas que se dobram seja às instâncias da compaixão, seja às motivações do ódio e do rancor. Mercadejei pérolas e pedras preciosas, mas em minha vida nada ganhei de mais valioso do que o conhecimento de mim e dos outros. Singrei por terrores e perigos, enfrentei o pássaro-roque e o *ghul*, baleias e selvagens, mas nada sofri de mais lamentável e terrível do que a injustiça dos homens. Se vos narrasse apenas de tal sorte minha história, entretanto, não estaria sendo inteiramente veraz: estaria, isto sim, contando tão-somente aquilo que já sabeis e o que já se propagou entre as pessoas sobre minhas viagens e notícias, e o que nelas foi sendo amplificado pelos gostos e imaginações, cujas naturezas, aliás, serão estas para todo o sempre.

Na verdade, não saí de Bagdá nem circulei pelos mares do mundo por causa do estranho e do maravilhoso, mas sim por causa do conhecimento, da experiência e do lucro. O que seria de mim se acaso eu permanecesse sentadinho em casa, contentando-me com o dinheiro e os bens herdados e com o saber extraído do âmago dos livros?

O que seria de mim se acaso eu tivesse desfrutado uma vida sem riscos e dificuldades, ou sem imaginação? O que seria de mim se acaso eu não tivesse me arriscado e me exposto à morte? O que me tirou de minha casa não foi a injustiça dos homens; nem mesmo sua ingratição ou sua traição motivaram minhas viagens: a razão só foi eu ter desejado conhecer a mim mesmo, e foi por isso que saí e naveguei. Eu quis ser, e disse: “para que sejas, deves correr o risco de não ser; para que vivas, deves não se apegar à vida, e talvez assim possas vivê-la”. O que tenho eu, que reclamo das pessoas? O que seria de mim sem elas? Quais seriam meu nome e minhas feições sem as pessoas, e sem os riscos e os desconchavos e os desencontros?

Será que eu sou eu? E quem seria esse eu? Foi por isso que naveguei e perambulei pela terra de Deus e pelos países dos homens; foi por isso que me aventurei, dei a cara para bater, vaguei por todas as partes e, certo ou errado, fiz o que fiz.

Ainda que as coisas tivessem ficado na mesma em vez de se terem sucedido tal como sucederam, o fato é que a vida dos homens – e inclusive a dos *jins* – é uma grande tolice.

Sim, cada vez que eu enfrentava a morte no mar, jurava que, se Deus me protegesse e devolvesse são e salvo a meu país, jamais retornaria ao mar por minha livre e espontânea vontade. Tão logo porém eu regressava à terra e à família, voltava a sofrer com a rotina e a chateação, e a saudade novamente me atiçava para partir. Fiz minhas as palavras de quem disse: “Se o destino estiveres na mão das pessoas / elas deveriam pedir perdão à existência”.

Tal é teu destino, Abdalá. Parte, ainda que sentindo saudades no meio do caminho, ainda que se arrependendo, ainda que ficando confuso, ainda que ocasionalmente ansiando por tranquilidade, sossego, pureza, cura da alma e desprezo das coisas do mundo material.

HERANÇA, DINHEIRO E COISAS QUE  
SE CONTAM SOBRE FILHOS DISSIPADORES

Eu não ainda havia atingido os dezessete anos quando meu pai morreu, legando-me dinheiro, vilas e bens. Mal botei as mãos na fortuna, passei a receber mais amiúde amigos e companheiros, enfeitando-me com jóias e vestimentas caras. Tranquilo em meu palácio no bairro de *Alkarkh*, em Bagdá, eu levava uma vida de divertimentos faustosos, iluminando minhas noites com prazeres e afogando meus dias em gozos. Calculei que o mundo permaneceria sempre o mesmo, da mesma forma que a fortuna deixada por meu pai: bastar-me-iam o dinheiro proporcionado pelo dinheiro e os rendimentos e frutos proporcionados pelo aluguel das vilas. A vida, porém, desmentiu este meu entender, ridicularizou meu raciocínio e demoliu as ilusões em que eu vivia.

Empobreci sem disso me aperceber... A notícia caiu sobre mim feito trovão: eu não conseguia compreender como as vilas se arruinaram nem como o ouro se transformara em pó. O mais doloroso era ver os amigos, companheiros e hóspedes se apressarem a comprar meus bens, colocados em leilão pelos credores; fui até mesmo obrigado a vender "Vida", minha muito amada escrava. Depois, o dinheiro que me restava foi roubado na praça da mesquita, e o desespero levou-me a acusar as pessoas sem provas. Disseram: "este é um sandeu", e castigaram-me dolorosamente.

Em certa rua de Bagdá encontrei um respeitável ancião que, após cravar os olhos em mim, lançou-me a seguinte pergunta:

– Sobrou-te alguma coisa?

Respondi: nada.

– Vilas e lojas?

– Tudo se foi: jóias, dinheiro e comércio.

– Não te desesperes. Era dinheiro de teu pai, e foi-se depois de teu pai.

Ainda não perdeste nada de teu. Meu filho, saiba que, quando ganhares dinheiro com tuas próprias mãos, não o perderás com tanta facilidade: irás guardá-lo e, se a Deus aprouver, alcançarás o que almejas, pois não chegaste ainda aos vinte anos. Não olhes para trás, e sim para frente; troca um lugar por outro, uma vida por outra, parte de Bagdá, vai até Basra, ou até a Síria, ou ainda Mascate, e começa por lá.

– Sim, tiozinho.

– Dar-te-ei algum dinheiro.

– Poupa-me de semelhante vexame.

Admirado, o velho arregalou os olhos e disse:

– És tímido, tu? Amaldiçoe Deus teu demônio! Deixa de timidez, meu rapaz, e afronta a vida! Com coragem, força e decisão, afronta-a! Nunca sejas tímido, fraco ou sensível. Se quiseres experimentar a doçura do mundo, afronta as pessoas, e afronta a própria vida! Olha para o mundo com os olhos dele.

AFRONTAR AS PESSOAS E A VIDA

Viajei de Bagdá para Basra com a finalidade de comerciar, vender e comprar. Depois, quando minha estada em Basra já se prolongava demasiado, o gerente do hotel em que me hospedara perguntou-me:

– O que pretendes aqui? Pensei que te farias ao alto-mar.

– Fazer-me ao alto-mar, eu?

Repeti a pergunta como eco, e como se ouvisse pela primeira vez na vida a sugestão de fazer-me ao alto-mar. Ele prosseguiu:

– O comerciante que comprar tuas mercadorias talvez se faça ao mar e as venda pelo dobro do que te pagou.

– Sim... mas o mar...

– É lucro, é paisagem e é uma valiosa experiência.

– Não tinha pensado nisso antes.

À tarde, fui passear no porto e fiquei admirado com o que ali havia de navios colossais, movimento ininterrupto, comerciantes e estivadores apressados e pessoas atrás de fortuna. O maravilhoso da cena contagiou-me como se fora a agitação de um casamento. Os detalhes fragmentaram-se em meus pensamentos, o prazer disso tudo suspendendo-me, encantando-me e embalando-me em suas asas. E foi assim que me fiz ao mar: eis-me aí a dobrar uma página da miséria e do estranhamento entre meus familiares e minha gente e a sulcar as ondas do desconhecido. Deixei as preocupações para trás sem saber o que me esperava adiante. Será que em tal decisão estaria minha morte?

O navio partiu do “Chát el-Arab” rumo ao alto-mar, e então se alargou o perímetro do horizonte. Atrás ou à frente, à direita ou à esquerda, eu não via senão a imensidão azul que tremulava na extensão da vista. Sobre mim a grande vela, e sobre ela a pequena vela: duas palmas de mão cheias de vento.

Rapidamente fiquei enjoado por causa do balanço da enorme embarcação e fui tomado por vertigem e ânsia de vômito; meu corpo se encharcou de suor; cambaleei e então minhas roupas se sujaram com o que havia em meu estômago. Censurei-me pelo que fizera, arrependi-me de meus planos e chorei. Senti bater uma mão no meu ombro e uma voz dizendo:

– Não foi nada: o começo é difícil. Não chores, pois o mar não é lugar de desespero mas sim caminho de esperança. Logo te apaixonarás por ele.

Mal eu me acostumara à turbulência das ondas e ao tremor do navio, e mal eu começara a recuperar as forças e a conversar amigavelmente com os companheiros de viagem, vi-me atirado nos braços das ondas: caí no mar após uma enorme baleia ter atravessado nossa rota, provocando redemoinhos e ondas que quase tragaram o navio. Salvei-me, entretanto, tal como se escreveu nos livros, e tal como registraram os copistas, naturalmente.

E eis a verdade: salvei-me porque, a despeito de ter sido acometido pelo temor e pânico, não me entreguei a eles, não agi como os estúpidos que bebem o cálice da morte só por lhe terem medo. Pensei, planejei, vi um barril jogado pelas ondas, ora imergindo, ora emergindo, e relampejou-me a idéia de que ele seria meu navio; dei braçadas vigorosas até alcançá-lo, abracei-o e deixei-me girar conforme ele girava. Depois de alguns segundos, desamareei o meu turbante e o amarreei ao redor do meu corpo e do barril, dando um duplo nó; só então me acalmei e relaxei. Quanto tempo se passou? Dias, noites, não sei. Quando despertei, constatando que meu oco navio havia batido numa rocha no limite de águas rasas, tratei de me desamarrear, corri até a praia e me joguei sobre suas areias e ervas. Se não me engano, eu gritava: “fui salvo! Deus te salvou, Abdalá! O mar não me afogou, mas sim me presenteou uma ilha inteira”.

## O PARAÍSO DOS MACACOS

Afundei-me num estranho gozo entre a vigília e o sono. Vi os topos das árvores entrelaçando-se e abraçando-se, e elas estavam cheias, vergadas até, de frutos; por entre seus galhos, caíam os cálidos raios dourados do sol.

Estiquei a mão, que caiu sobre um coco; abri-o, e dele comi e de sua água bebi até ficar satisfeito. Olhei em redor e avistei um bando de macacos me observando com espanto, como se eu fosse uma criatura estranha. Notei-os cochichando e sorrindo, e então sorri; riram, e então eu ri. Logo ficaram extasiados, e começaram a recolher cocos, quebrando-os e oferecendo-os a mim ou atirando-os com alegria. Caminhei, examinando o lugar, e os macacos me seguiram, aliviando minha solidão.

Constatei quão encantadora era aquela ilha, com sua abundante riqueza verde, e fiquei feliz com as imensas árvores simétricas de galhos entrelaçados, as cores vivas, as aves canoras, o céu radiante, as águas plácidas que a cercavam e as fontes potáveis que irrompiam das rochas.

Pensei: esta deve ser a imagem do paraíso prometido por Deus aos crentes. Será que Deus permitirá que eu viva o resto da minha vida neste paraíso como compensação por tudo que passei, pela miséria e pelas dificuldades enfrentadas em minha terra? Ajoelhei-me agradecendo a Deus, que me concedera, somente a mim, aquele pequeno paraíso imenso.

Pensei: já que Deus me privilegiou com tal bem-estar, devo fazer de tudo para facilitar minha estada aqui.

A primeira coisa imaginada foi fazer uma casa que me protegesse da chuva, do calor e do frio. Os macacos auxiliaram-me carregando comigo galhos e pedaços de árvore, e dentro em pouco a cabana estava pronta. Ao entardecer, acendi fogo e com ele me aqueci. Os macacos rodearam-me, ainda receosos após terem primeiramente se espavorido, e me olharam com espanto. Disse-lhes:

– Bem-vindos à minha casa, meus amigos, meus hóspedes, meus comensais. Gostariais que eu vos contasse uma história ou acaso preferiríeis que eu vos cantasse uma canção? A tudo aceitaram, guinchando e me agradando.

Desde então, toda vez que andava, me sentava ou iniciava algum trabalho, lá estavam meus amigos e companheiros macacos, acompanhando-me, ajudando-me e imitando meu proceder.

Aliás, os macacos observaram e aprenderam meus hábitos e, espertamente, chegavam antes de mim a qualquer local aonde eu pretendesse ir. Percebendo igualmente quais frutas eu mais apreciava, espalhavam-se pelas árvores da floresta, a cruzarem enormes distâncias, a fim de me oferecerem o que era de minha preferência; então eu ria, e eles riam; brincava com eles, e eles brincavam comigo. Descansar à noite, defronte de minha cabana, tornou-se um hábito. Cantava para eles, e eles inclinavam-se conforme eu me inclinava, murmurando com admiração e companheirismo; quando aumentava minha voz, gritavam. Contava-lhes histórias, e eles ouviam, seguindo meus sinais para que se fizesse silêncio ou barulho.

Era estranho viver naquela região, longe de minha terra, de minha gente e de minha família, no meio de uma sociedade assim repleta de elementos que sempre concordavam comigo, que jamais discordavam de mim.

E mais estranho ainda era ver com os próprios olhos de minha cabeça tudo o que eu fazia sendo repetido, duplicado e imitado. Os macacos tornaram-se espelhos afixados em todo ponto para o qual eu olhasse, refletindo a imagem de minha alma, repetindo o que eu queria e imitando o que eu fazia. Era uma duplicação a perder de vista, infinita e sem meios-terminos. Perplexo, ignorando o que fazer de minha vida, fui mais de uma vez assaltado pela maldita aflição: “se esses macacos são o reflexo de minha alma, não serei eu também a imagem e o espelho deles?”. Logo, porém, eu me acalmava e superava esse estranho pensamento.

Sossego e apoio sem limites: não seria isso algo maravilhoso que somente eu podia desfrutar? A imitação, a concordância e a repetição de meus atos provocavam-me n’alma um prazer além do qual nenhum outro prazer pode existir, e eu ria longamente, acometido de uma alegria cujas fontes provinham não sei donde.

A alma, porém, não se cura tão facilmente do desconforto. Mesmo após ter-me assegurado de que minha estadia na ilha seria tranqüila, de ter produzido meus instrumentos, de ter cantado todas as canções que conhecia, de ter contado todas as histórias que a memória conseguira guardar, de ter comido do bom e do melhor e de ter brincado com os macacos – mesmo depois disso tudo as recordações me acometiam em crises repentinas, sem motivo nem aviso. Admirava-me, a princípio, ainda sentir aperto n’alma, raiva, mágoa ou decepção por causas que já haviam morrido em minha vida; eu as recordava, malgrado meu, e elas faziam minha alma debater-se desnecessariamente.

Como se fora um insano, eu não conseguia dominar tais caprichos d’alma, nem sabia o que tinha. Olhar para meus amigos provocava em mim uma mistura de grande amor e de forte repulsa, até que um dia comecei a desconfiar da realidade de meu ser: será que esses macacos me imitavam ou seria eu quem os imitava? Seriam eles meu espelho, ou eu o espelho deles?

Certo dia, ao despertar do sono, vislumbrei na vastidão do mar um navio; pulei feito louco, gritei, agitei os braços: “ó povo de Deus! Socorro, socorro, salvem-me dos macacos!”. Meus seguidores macacos, por sua vez, faziam o que eu fazia, gritavam, acenavam. Foi então que me certifiquei: o inferno dos humanos é preferível ao paraíso dos macacos, e a morte absoluta está na concordância vazia e muda. Nesse mesmo instante, passei a ressentir-me da solidão e do forte isolamento. Fui dominado pela maldita idéia de ter perdido meus dias num paraíso de macacos e decidi escapar da ilha, de minha solidão, de meu estranhamento e do inferno da rotina; decidi ir à terra dos humanos, mesmo que nela encontrasse a morte.

De manhã, vesti-me, despedi-me com tristeza da minha cabana e dos macacos; chorei e chorei, mas não voltei atrás; apressei os passos, temendo a mim mesmo, pois o ser humano, como diz o provérbio, é o escravo do hábito. Segui pelo lado de mais difícil acesso da ilha, almejando localizar uma saída.

#### NAS ASAS DO PÁSSARO-ROQUE: O “VALE DOS DIAMANTES”

Afirma-se que o roque é um lendário pássaro gigante; que é produto da imaginação, ou de algum capítulo de *As Mil e Uma Noites*, mas isso é um

equivoco produzido pelos racionalistas, que têm, quanto a isso, seus próprios objetivos e finalidades: não estão aí os satélites e as naves espaciais, desmentindo suas teses e tornando ridículas suas idéias?

Confesso aqui, fazendo jus à verdade e à História, que montei o pássaro-roque desde a ilha dos macacos até o vale dos diamantes e das víboras. Não estou afirmando que viajar montado em tal pássaro é semelhante a embarcar em avião ou trem... pois o que são o avião e o trem comparados a ele?

Contar-vos-ei, portanto, como escapei do paraíso dos macacos para cair no tenebroso vale dos diamantes e das víboras. Imagino, inclusive, que vós sabeis que, onde houver diamantes, haverá também víboras assassinas... mas não chegou ainda o momento de falar disso.

Caminhei até o extremo da ilha, onde avistei, no meio do mato, uma abóbada branca, lisa e gigante, a qual, quanto mais eu me aproximava, mais colossal se tornava; seu diâmetro me parecia ser de uma milha ou quase; apressei-me até ela.

De repente, o céu escureceu, o vento sibilou, e um grito atingiu meus ouvidos, lançando-me ao chão e afugentando os macacos, que até então me seguiam, guinchando, por entre as árvores.

Olhei para o céu: era um formidável pássaro-roque cujo bater de asas encobria o sol. Só percebi que a abóbada era seu ovo quando ele pousou pesadamente sobre ela, feito uma lendária nave espacial: era ali o ninho para onde ele voltava naquele anoitecer. O pássaro gigante recolheu as asas e finalmente relaxou e se aquietou.

Lancei-me em direção ao roque para fugir do paraíso dos macacos. Escalci seu dedo, camuflei-me entre suas penas e nelas me amarrei, esperando então que ele decolasse e me conduzisse à terra dos homens.

Adormeci por algum tempo, mas logo despertei: eis-me em pleno ar, os gritos do roque rompendo o espaço aéreo e o vento quase me arrancando de meu lugar. Ao meu redor, só um céu sobre o qual havia mais céu, e abaixo de mim o mar estendendo-se mais e mais à medida que o pássaro ia rompendo os espaços. Sobrevoamos uma enorme montanha, planamos sobre um vale profundo, cortamos as distâncias e os mares e as planícies com a velocidade do vento. Ultrapassamos o desconhecido e derrotamos o tempo. Sentimentos nunca dantes experimentados me acometiam. Fui envolvido por uma alegria profunda. Estremeci de tanto prazer e comecei a rir feito criança. Pensei: “é assim que deve ser a vida! desafiar os perigos, lutar contra o vento e competir com o tempo... Quem imaginaria isso de ti, ó Abdalá? Conheceste, em segundos, gozos tais que necessitariam de séculos”. Uma cena terrível me despertou desses devaneios: vi o chão se aproximar de mim numa velocidade inconcebível, e quase caindo percebi que o roque se preparava para pousar.

Relâmpagos entrecruzaram-se impedindo-me de enxergar. No meio de tanto brilho esplendoroso, reluziu a cabeça de uma feroz víbora a se aproximar. Avaliando então que era ela o alvo do roque, comecei a temer uma sangrenta refrega entre ambos, comigo no meio. Preparei-me para desamarrear as ligas que me juntavam ao pássaro e assim livrar-me de ambos.

Que se matem à vontade, pois que culpa tenho eu? Ó Abdalá, acabaste caindo na tocaia! Salva-te! Enquanto o pássaro dirigia a cabeça ao pescoço da cobra, e ela preparava-se para atacá-lo com os dentes, eu consegui desamarrear

os nós e me joguei; bati em pedras, o que me causou dores, mas me salvei. Virei-me e vi a víbora gigante debatendo-se com violência no bico do pássaro, que a carregava para o alto.

Tateei pelas pedras ao meu redor, cujo brilho era de ofuscar a vista. Então, meu coração bateu com força e gritei:

– Diamantes... o vale dos diamantes!

Meu entusiasmo e alegria com esse tesouro, porém, não durou muito, pois onde há diamantes há também víboras, como já sabeis, e como dizem as crônicas, e como, enfim, sói ocorrer no mundo dos homens.

Olhei ao meu redor: não se ouviam senão chocalhos e sibilos apavorantes; sem que se pudesse, porém, vislumbrar qualquer sombra de movimento. Fiquei parado feito pedra, pois sei que as cobras só atacam o que se move. Prendi a respiração e esperei o bote daquelas gigantescas feras assassinas, que se moviam com preguiça assustadora. E o brilho arrebatador dos diamantes a meu redor. Eu, extraviado e fracassado, meu cínico e irresponsável destino lançara-me no seio de uma tão incalculável fortuna naquele vale da morte; para que fosse surpreendido, a um só tempo, pelo medo e pelo espanto de mim e do mundo.

“Ó Abdalá, as pessoas buscam a fortuna como quem busca a morte, aniquilam-se pelo dinheiro e ainda dizem: ‘enriquecer ou morrer! Deus permita que eu fique rico antes de morrer’. Quanto a ti, estás sentado em cima de uma fortuna e ao mesmo tempo estás morto de medo.”

Apesar disso, salvei-me, como já sabeis, e como é público e notório. Após ter montado o roque, da mesma forma montei uma águia e escapuli daquele vale profundo; pois enquanto estava em meio àquela indecisão, sobrevoava o lugar uma admirável águia que seguidamente tocava o chão e depois tornava a levantar vôo. “Coisa estranha! Será que pretendia salvar-me? Mas as águias, ao contrário das víboras, não atacam os vivos.” Olhei ao meu redor e próximo de mim o cadáver de um homem. Uma idéia relampejou em minha mente: poderiam os vivos salvar-se à custa dos mortos! Rastejei com cuidado, escondi-me atrás do morto, amarrei-me a ele, não sem antes ter carregado meus bolsos e minhas calças com diamantes. Quando me acalmei, a águia lançou-se sobre o morto e o carregou, e com ele lá fui eu. Depois, fui depositado em cima de uma rocha próxima. Desvencilhei-me e fugi a salvo. Quando cheguei ao mundo dos homens, disseram: “eis o demônio em pessoa”. Falei-lhes então em árabe castiço, ficaram estarecidos e me conduziram até seu rei.

## O SAL E O ESTRANGEIRO

Tencionei seduzir o rei com os diamantes que carregava, em troca de minha liberdade e de minha vida, mas ele decidiu oferecer-me em sacrifício a seu deus. A terra estava sedenta e o país, seco. A “rainha do sal” engolia plantações e homens e exigia cada vez mais. Não ficaria satisfeita enquanto não oferecessem a ela meu sangue, o sangue deste desgraçado estrangeiro. “O problema da seca é apenas uma questão de mau planejamento”, afirmei, mas eles colocaram uma corda ao redor do pescoço e me arrastaram até o pátio do tem-

plo. O sacerdote-mor aproximou-se daquele venerável rei e discursou, apontando para mim: "Ó rei dos tempos, senhor dos séculos e das eras, esse estrangeiro é a morada do mal. Se ele for um visitante do bem, as chuvas cairão agora; caso contrário, deverei espalhar seu sangue para salvar o povo da morte...". O lugar encheu-se de ovações e de gritos que quase arrancaram meu coração de dentro do corpo. Vi o carrasco aproximar-se e desembainhar a espada com sofreguidão. Pensei: "Estás perdido, Abdalá". Repentinamente, contudo, os gritos cessaram: abri os olhos, vi o povo abobalhado, como se tivesse um pássaro sobre a cabeça. Como todos olhassem para o teto, também olhei e não vi nada; ouvi, no entanto, um estrondoso trovão enquanto a chuva torrencial fazia da água uma correnteza.

Assim, salvei-me da inconseqüência e da irresponsabilidade humanas mediante a força do destino. O rei não me matou: ao contrário, homenageou-me e presenteou-me com uma grande fortuna, maior do que a recolhida no vale dos diamantes. Outorgou-me a direção do porto e o controle das mercadorias, tanto as exportadas quanto as importadas, além das tarifas e aduanas alfandegárias. Contudo, senti saudades de minha gente. Não consegui me encontrar em meio àquele povo; minha sensação de estranheza aumentou, pois a alma não sossega nem relaxa entre tantas contradições e contrastes. Como, porém, escapar aos estranhos e contraditórios hábitos humanos?

Seja como for, voltei para a Basra no primeiro navio árabe que atracou no porto. De Basra parti para Bagdá levando uma grande fortuna. Comprei casa nova, mobilei-a com o que havia do mais rico e luxuoso, adquiri as mais belas mulheres, comi, bebi e retomei minha conduta anterior.

Mas o que passou, passou: não me acostumei por longo tempo ao ócio, pois a viagem me havia modificado. Ampliava-se minha sensação de estranheza entre minha gente e meus conhecidos. Pensei: "Parte de novo para ver o que ainda não viste; experimenta de novo!". Fiquei indeciso: "Será que está escrito que o homem nunca se aquiete e nunca pare?"

"Estou entre meu povo, na minha terra, e possuo um dinheiro que pode proporcionar todos os prazeres e as alegrias da vida."

Reencontrei o bom velhinho que um dia me havia parado no caminho, durante os apuros pretéritos. Parei-o e disse:

"Voltei melhor de que parti, mas meu entusiasmo não voltou".

Disse o senhor: "Talvez estejas fazendo uma autocensura".

Retorqui: "Estou estranhando minhas saudades do mar. Para onde quer que eu olhe, tiozinho, só vejo a imagem do mar, a agitação do mar, a calmaria do mar!".

Disse o velho: "Meu filho, não odeies a humanidade por amor do mar, nem odeies o que conheces para amares o que desconheces".

Perguntei: "Mas quem pode dominar as paixões do coração?"

Respondeu: "O homem deve não obedecer necessariamente às paixões do coração".

Ocorreu, enfim, o que devia ocorrer. Dirigi-me a Basra, peguei um grande navio, carreguei-o com mercadorias e me fiz novamente ao mar.